

Сергей Довлатов

Publicado com o apoio do
Instituto de Tradução (Rússia)



AD VERBUM

Serguei Dowlátov

O compromisso

Tradução do russo e posfácio
Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan



KALINKA



O compromisso

p. 09

Posfácio

p. 224

Colaboradores

p. 246



Os nomes russos foram transliterados conforme padrão adotado pela USP. Os nomes de origem estoniana seguem grafia original do país. As notas de rodapé são das tradutoras, exceto algumas do autor, nesse caso assinaladas.

*A N. S. Dowlátova,
por todos os tormentos!*

... E eu fiquei sem trabalho. Ponderei: talvez dê para aprender o ofício de alfaiate? Reparei que os alfaiates estão sempre de bom humor...

Topei com Lóguinov, o da televisão.

— Olá. Como tem passado?

— Pois é, estou à procura de trabalho.

— Tem uma vaga. O jornal *Em defesa da pátria*.¹ Tome nota do sobrenome: Kachírin.

— O careca?

— Kachírin é um jornalista calejado. Um homem de temperamento macio...

— A bosta também é macia — disse eu.

— Então você o conhece?

— Não.

— Mas se está dizendo... Tome nota.

Eu anotei.

— Deveria se vestir decentemente. A minha mulher diz que se você se vestisse decentemente...

A propósito, a mulher dele me telefonou uma vez... *Stop!* Aqui se abre um tópico amplo e perturbador. Que nos levaria para longe...

— Quando eu ganhar decentemente, irei me vestir assim. Comprarei uma cartola...

Eu juntei meus recortes de jornal. Selecionei os melhores artigos. Não gostei de Kachírin. Rosto inexpressivo, humor do exército. Ele me deu uma olhada e disse:

— O senhor, evidentemente, não é membro do partido?

Consenti com a cabeça, o ar culpado. Com uma espécie de ingenuidade idiota, ele acrescentou:

1. *Em Defesa da Pátria (Na straje ródiny)*, jornal voltado para questões militares e nacionalistas fundado em São Petersburgo em 1918.

— Umhas vinte pessoas tinham pretensões à vaga. Conversaram um bocado comigo... e não apareceram mais. O senhor, queira ao menos deixar o telefone.

Soletrei o número da tinturaria que por acaso me veio à memória.

Em casa desdobrei meus recortes de jornal. Reli uma coisa ou outra. Perdi-me em pensamentos...

Folhas amareladas. Dez anos de mentiras e de fingimento. Mesmo assim, certas pessoas estão lá, os papos, os sentimentos, a realidade... Não propriamente nas folhas, mas ali, no horizonte...

Da realidade ao real o caminho é árduo.

Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio. Mas se pode, através da água, divisar o fundo coberto por vidros de conservas. E, por trás dos cenários pomposos do teatro, ver a parede de tijolos, as cordas, o extintor de incêndio e os operários embriagados. Quem ao menos uma vez na vida esteve numa coxia sabe disso...

Comecemos com uma mísera nota de jornal.

Primeiro compromisso

(*Estônia Soviética*.² Novembro de 1973.)

CONFERÊNCIA CIENTÍFICA. Acadêmicos de oito estados chegaram a Tállin para a 7ª Conferência de Estudos da Escandinávia e da Finlândia. São especialistas da URSS, Polônia, Hungria, RDA, Finlândia, Suécia, Dinamarca e RFA. A conferência foi dividida em seis seções. Mais de 130 cientistas — historiadores, arqueólogos e linguistas — apresentam relatórios e comunicações. O evento dura até dia 16 de novembro.

A conferência realizou-se no Instituto Politécnico. Passei por lá, bati um papo. Em cinco minutos, a nota estava pronta. Deixei-a na secretaria. Apareceu o editor, Turónok, um aduador meloso como marzipã. Um canalha do tipo comedido. Dessa vez, estava excitado:

— O senhor cometeu um erro ideológico grosseiro.

— ?

— O senhor listou os países...

— Por acaso não pode?

— Pode e deve. O problema é como o senhor os listou. Em que ordem. Primeiro aparecem a Hungria, RDA e Dinamarca e depois a Polônia, URSS e RFA...

— Claro, por ordem alfabética.³

— Mas a abordagem aqui não leva em conta a luta de classes — pôs-se a gemer Turónok —, existe uma ordem de ferro. Os países democráticos — na frente! Depois, os estados neutros. E, finalmente, os participantes do bloco...

— *Okay* — disse eu.

2. *Estônia Soviética (Soviétskaia Estônia)*, diário estoniano publicado em russo entre 1940 e 1996.

3. Foi mantida a ordem do alfabeto russo.

Reescrevi a nota, deixei-a na secretaria. Na manhã seguinte, Turónok se aproximou às pressas:

— O senhor está caçoando de mim! Faz de propósito?!

— Qual é o problema?

— O senhor confundiu os países de democracia popular. Colocou a RDA depois da Hungria. De novo por ordem alfabética?! Esqueça essa palavra oportunista! O senhor é funcionário de um jornal do partido. A Hungria em terceiro lugar! Lá houve um golpe.

— E com a Alemanha houve uma guerra.

— Não discuta! A troco de que está discutindo?! Essa é outra Alemanha, outra! Não compreendo, quem pode ter confiado no senhor? Miopia política! Infantilismo moral! Vamos apurar essa questão...

Pela nota me deram dois rublos. E eu que pensei que dariam três...

Posfácio

O *Compromisso* (*Kompromiss*, 1981)¹²⁴ é mais um capítulo da epopeia criada pelo escritor russo radicado em Nova Iorque Serguei Dowlátov (1941–1990) ao longo de seus contos e novelas (seu gênero foi a prosa curta). Escritas em forma de anedotas tragicômicas, suas obras, em sua maioria, são conduzidas por um narrador em primeira pessoa aparentemente muito parecido com seu autor. Como nota o crítico russo Ígor Sukhikh, vistos em conjunto, seus principais textos — *A zona*, 1982; *O compromisso*; *O ofício* (*Remesló*), 1985; *Parque Cultural* (*Zapoviédnik*), 1983; *Os nossos* (*Náchi*), 1983, *A mala* (*Tchemodan*), 1986 —, que espelham as peripécias vividas ou testemunhadas pelo escritor em diferentes momentos de sua vida, são como que partes integradas de uma única obra, na qual há um único protagonista: seu autor-narrador, ou o “herói lírico dowlatoviano”.¹²⁵

Nascido em Ufá (Basquíria), durante a Segunda Guerra Mundial, o pequeno Serioja foi para Leningrado ainda na infância, em 1944. Filho de uma atriz e revisora armênia (Nora Dowlátova) e de um diretor teatral judeu (Donat Miétchik), ele desde cedo teve contato com literatos e, em 1959, ingressou no departamento de letras finlandesas da Universidade de São Petersburgo, de onde foi expulso por mau aproveitamento nos estudos. Nessa época, nosso Omar Sharif (assim alguns amigos chamavam o escritor moreno de quase dois metros de altura) teve um caso tórrido com uma beldade da cidade, Ássia Pekuróvskaia, sua primeira esposa. Em 1962, para surpresa de todos, dos corredores da faculdade e das noitadas literárias rega-

124. Traduzido como *A troca* no prefácio do livro *Parque Cultural*. Tradução Yulia Mikaelyan. São Paulo: Kalinka, 2016.

125. SUKHIKH, Ígor. *Serguei Dowlátov: época, lugar e destino* (*Serguei Dowlátov: vriemia, miesto, sudbá*). São Petersburgo: *Niéstor-Istória*, 2006, p. 51.

das a vodca, Dovlátov foi direto para um *láguer* da República de Kómi, onde serviu três anos como guarda de prisioneiros escoltados, experiência explorada em *A zona*.

De volta a Leningrado, o jornalismo tornou-se seu ganha-pão, embora, sobretudo desde o serviço militar, o único ofício ambicionado por ele fosse o de escritor. Para Dovlátov, ser escritor era a única coisa que realmente importava, mas, mesmo apreciado por literatos conceituados, não conseguia ser publicado na União Soviética: parecia estar sempre na hora errada e no lugar errado. Suas incursões frustradas por diversas editoras e redações leningradenses são descritas em *O ofício*: “Tudo o que eu escrevia era aprovado no âmbito dos colaboradores das revistas ordinárias. Depois, instâncias invisíveis freavam meus manuscritos. Eu não chegava a compreender quem dirigia a literatura...”¹²⁶

Em 1972, brigado com sua segunda mulher, Elena Dovlátova (com quem teve dois filhos, Ekaterina e, em Nova Iorque, Nikolai) e decepcionado com a falta de perspectivas profissionais de uma Leningrado conservadora e burocrática, Dovlátov saiu em busca de um ambiente criativo menos asfíxiante em Tállin, capital da República Socialista Soviética da Estônia.

A Estônia, a última república báltica a ser anexada pela União Soviética (1940), era conhecida por ser um dos lugares menos autoritários do país, um reduto do liberalismo ocidental, e Tállin por ser uma cidade de hábitos europeus. Alguns historiadores explicam esse fenômeno como um vestígio dos vinte e poucos anos de independência estoniana: de 1918, após a queda do Império Russo, até 1940. Durante a Grande Guerra Patriótica, a república ainda foi ocupada por tropas nazistas (1941), voltando ao domínio soviético em 1944 e reconquistando sua independência em 1991. Anna Koválova e Lev Lurié,

126. DOVLÁTOV, Serguei. *O ofício*. Tradução Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan. São Paulo: Kalinka, 2017, p. 54.

autores do livro *Dovlátov*, descrevem o ambiente estoniano de então:

Na Estônia, havia mais liberdade do que em qualquer outro lugar do país. Ali, permitiam as coisas com mais facilidade e as proibiam com menos prazer. Ali, com boa vontade fechavam os olhos para a apatia política, não raro ignoravam declarações malvistas, e apenas raramente puniam erros ideológicos.¹²⁷

Não por acaso a cidade de Tártu deu abrigo ao famoso grupo do historiador cultural e semiótico Iúri Lótman (1922–1993), este citado inclusive no *Ofício*, quando uma editora buscava um parecerista para a publicação do primeiro livro de Dovlátov, *Cinco esquinas* (*Piat uglóv*, depois renomeado *Contos da cidade, Gorodskie rasskázky*), coletânea que acabou vetada pelo KGB da Estônia (o tempo passou: em 2019, o governo de Tállin decidiu erguer uma estátua em homenagem a Dovlátov, que já possui uma em Petersburgo, além de uma rua em Nova Iorque com seu nome):

Depois de uns dias, ela me telefonou: gostaram muito. Pediriam um parecer de alguém da Universidade de Tállin.

— Seria possível pedir ao próprio Lótman?

— Em princípio, sim. Iúri Mikháilovitch escreveria um parecer com prazer. Mas não recomendo. O nome dele despertará um interesse indesejável. Vamos enviar ao docente Bezzúbov. É muito competente, especializado na obra de Leonid Andréiev. Gosta de Andréiev? (DOVLÁTOV, 2017, p. 71)

127. KOVÁLOVA, Anna; LURIÉ, Lev. *Dovlátov*. São Petersburgo: *Ámfora*, 2009, p. 176.